

# Como ser ninguém na cidade grande

LUIZ ROBERTO GUEDES

*Dear sir or madam, will you read my book  
It took me years to write, will you take a look*

Paperback writer, *Lennon & McCartney*

Foi o último a desembarcar do ônibus. Fatigado, frágil como um esqueleto de vidro trincado. Em sua idade, qualquer viagem era um desconforto. Rebocando a mala com rodinhas, cruzou lentamente o terminal rodoviário.

Desabou num táxi, mandou tocar para o mesmo hotel de sua última vez em São Paulo, doze anos antes. No rádio, um pastor explicava como era fácil para o fiel depositar seu dízimo na conta corrente da igreja, enquanto o passageiro se dava conta da multiplicação das manadas de automóveis, ônibus, caminhões.

A abóbada cinza do céu parecia mais densa. De passagem, painéis eletrônicos eufemizavam: QUALIDADE DO AR: REGULAR. E os pedestres no compasso da metrópole, em marcha acelerada nas calçadas. No entanto, o velocímetro do táxi mantinha-se abaixo de quarenta por hora.

Atazanado pelo coro estridente, *entregue sua cruz na mão de Jesus, o amor de Jesus vai curar sua dor*, martelado por guitarras, buzinas, motores, sirenes, odores, o velho sentiu a dor de cabeça como um prego no crânio.

No hotel, deitou-se pouco depois das dez da noite. Tentou não pensar na operação do dia seguinte. Mas a idéia de que um fantástico canhão ultra-sônico faria a mágica indolor de desintegrar os cálculos em seus rins o manteve acordado. Então, uma britadeira começou a fraturar asfalto ou cimento nas proximidades do hotel. Chapas de metal foram atiradas ao chão com fragor. Em contraponto, uma serra elétrica somou-se ao concerto diabólico. Um compressor trepidava sem pausa, *basso profundo*, obturando mínimos interstícios de silêncio.

Agoniado, vedou os ouvidos com chumaços de algodão. Inútil. A tortura continuou até as três da manhã, enquanto ele amaldiçoava o antropóide administrativo que lhe propiciava aquele pandemônio, brutalizando o sono dos cidadãos contribuintes.

Pela manhã, atordoado e em jejum, apresentou-se no hospital. Foi despido e vestido com uma túnica curta, que expunha

suas pernas secas de ancião, nuas de pêlos, encordoadas de veias grossas. Foi perscrutado por máquinas de refulgente tecnologia e alojado num apartamento onde havia outro paciente.

Apesar do mau presságio, o ultra-som realizou seu ato de magia tecnológica. Um bombardeio cruzado de energia ondulatória volatilizou os cristais em seus rins.

O senhor está novo em folha, disse convencionalmente o médico.

Clichê de filme B, doutor, o velho resmungou.

No dia seguinte, sentiu-se bem o bastante para tratar de outro assunto. Carregando um grande envelope pardo, desceu do táxi diante do edifício que abrigava a nova sede da HB Editorial, um cubo de vidro de vinte andares, espelhando prédios distorcidos na outra margem do rio. Colocou os óculos escuros de grau e avançou para o balcão da portaria, onde uma placa de metal polido o deteve, taxativa: IDENTIFIQUE-SE: APRESENTE DOCUMENTO. Apresentado o documento, o velho viu seu rosto, baixo-relevo, em alta definição no monitor.

A secretária recebeu com estranheza aquela figura anacrônica. Destoava do *design* futurista da recepção. Um velhote de crespas cabelos brancos, a cabeça parecendo grande demais para o tronco franzino, o jaquetão que já devia estar num museu, a gravata-borboleta que podia ser contemporânea do chapéu de Santos-Dumont.

O senhor deseja?, inquiriu em tom isento de amabilidade.

O velho repetiu sua fala, era autor “da casa”, em visita de cortesia, vinha apresentar um livro novo, ergueu o envelope, sorriu com dentes de porcelana.

O senhor devia ter marcado antes com o doutor Brazão. Não sei se ele poderá lhe atender, está muito ocupado com os preparativos para a Bienal do Livro. Queira me acompanhar.

Marchando à frente, conduziu-o ao interior da colméia de vidro, indicou um sofá de couro negro e seguiu rumo à porta decorada com o logotipo da HB Editorial, no fundo do corredor. O visitante passeou os olhos pela galeria de fotos nas paredes: autores nacionais e estrangeiros, notáveis do catálogo da HB.



Numa foto autografada, o canadense Thom Dykins exibia a edição brasileira de seu *best-seller* *Chuva de fogo em Bagdá*. Em outra, o editor HB posava ao lado de um rapaz branquelo, de rosto ossudo, com jaqueta de *jeans* e camiseta com os dizeres *RAMONES Gabba Gabba Hey*. Quem era mesmo aquele moço?

A secretária retornou com um arremedo de sorriso. Heraldo Brazão, editor, já o esperava à porta da sala, efusivo conforme o protocolo.

Salve, João Vitorino Cruz! O Faulkner do Brasil Central! Então, resolveu sair da toca? Você está ótimo, igualzinho da última vez, quando foi mesmo? Doze anos? Já? Sente aí.

João Vitorino observou o novo *look* do editor — cabeça raspada, queixo duplo, um discreto brinco de brilhante no lóbulo da orelha esquerda. Mais pós-moderno do que doze anos antes.

Ao fundo da sala, além da parede de vidro, via-se o horizonte denteado de edifícios reluzentes, aço e vidro refletindo nuvens. Abaixo, o rio morto, gelatinoso, mingau negro estagnado entre duas avenidas.

Grande João Vitorino. Parece que você nos mandou alguns originais nos últimos anos, não foi? É lamentável, meu caro, mas este país não lê, não valoriza o autor nacional. O que você trouxe aí? *Morto sem chão*? Qual é o assunto? Hum. Interessante. É compreensível, você lida com a realidade que conhece. O tema é sempre o grande problema de um livro, meu caro. *That's the trouble*. Atualmente ninguém quer ouvir falar desse tipo de regionalismo tardio: massacre de sem-terra, índio dizimado, grilagem de terras, assassinato de missionário, matador de aluguel etc. O Brasil urbano está de costas pra esse Brasil do fundão. É pena, mas *that's it*. A missão de um editor hoje é uma verdadeira cruzada. *It's really hard, my dear*. Temos que definir um produto que vá ao encontro do gosto, interesses e expectativas desse leitor moderno, sem tempo para uma literatura mais exigente. Hoje o livro tem que ter um apelo forte, uma trama intrigante, um desfecho impactante. Você tem acompanhado a nova geração de escritores ingleses? Veja esse rapaz, o Jake Lovejoy, que vamos lançar agora na Bienal do Livro. O romance dele, *StarTrip*, é a história estúpida de um motorista de caminhão que resolve reunir novamente os membros de sua antiga ban-

da de rock e, depois de várias peripécias, conseguem gravar um disco que acaba fazendo sucesso, tudo de modo acidental, porque ele se envolve com uma aristocrata, o caso vira assunto dos tablóides sensacionalistas, e aí, a cada reviravolta, o protagonista vai se dando bem, virando o *instant darling* da mídia e do povo, apesar de ser um pateta, de fazer tudo errado. É um livro divertidíssimo, *very british*, com o típico humor inglês. Vai ser filmado. Esse autor, de trinta e poucos anos, tem *punch*, sabe armar um *plot* que realmente agarra o leitor. Já vendeu oitocentos mil exemplares na Inglaterra. Vamos lançar aqui antes dos americanos.

A parede de vidro vibrou agudamente ao som de um helicóptero. João Vitorino observou o engenho vermelho rumanado para um edifício coroado com a marca de uma corporação global. O desenho estilizado de um raio amarelo riscava a porta do aparelho. Teve a impressão de ver encenada uma ilustração de algum livro antigo sobre “o mundo de amanhã”. Visão *déjà vu*. O futuro havia chegado, mas não tinha lugar para ele. Nem para todos.

*Well*, deixe o seu livro com a gente, João, vamos ler com carinho. Daremos uma notícia em breve, fique sossegado. Então, quando é que volta pra Mato Grosso? Cedo assim? Pena. Você podia ficar pra Bienal do Livro, o Thom Dykins vem aí, o Jake Lovejoy também. É um puta cara bacana, muito divertido, *very nice guy*. Olha, leva este livro aqui: *Como ser ninguém na cidade grande*. É daquele humorista americano, Mel Feldman, daquela sitcom *Suburbia*, da tevê paga, você já viu? Um falso livro de auto-ajuda, não é genial? Pois é, meu caro. Grande prazer rever você. Você está ótimo. Tá com que idade? Setenta e sete? Maravilha. Queria eu chegar a essa idade em grande forma como você. Mas essa vida que a gente leva, essa pressão. Feliz é você que vive longe dessa loucura brava. Boa viagem, João. Dê notícias. Me mande alguma coisa ano que vem. Pode ser que o cenário mude, *who knows?*

LUIZ ROBERTO GUEDES é poeta, escritor e tradutor. Publicou, entre outros, a novela *O mamaluco voador* (*Travessa dos Editores*, 2006).